

# A DIREÇÃO ESPIRITUAL E O CAMINHO DE PERFEIÇÃO

Alisson Henrique Domingos<sup>1</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos de história do cristianismo muitas foram as definições para o que vem a ser santidade. São Paulo por meio de suas epístolas a define como uma cristificação, isto é, uma plena configuração a Cristo. Já para Santo Tomás de Aquino é a perfeição da caridade, entendida como perfeita união com Deus no amor. Os místicos experimentais como São João da Cruz a definirá como uma vivência plena do inefável mistério da inabitância trinitária em nossas almas; enquanto Santa Teresa diz a relaciona com a perfeita conformação à vontade de Deus (ROYO MARÍN, 2018, p. 19-20).

Independentemente da forma como os padres da igreja, os teólogos ou os santos experimentados a definiram, a chamada à santidade é algo intrínseco à vida cristã. “O Senhor pede tudo e, em troca, oferece a vida verdadeira, a felicidade para a qual fomos criados. Quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa” (*Gaudete et Exsultate*, 1). Para o mesmo ponto convergem as Sagradas Escrituras que desde a criação, por meio do apelativo “anda na minha presença e sê íntegro” (Gn 17,1), não se cansa de convocar o vivente à santidade: “para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor” (Ef 1,4); “sede, portanto, perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5, 48).

Desde o período apostólico e atravessando os séculos, a igreja sempre entendeu que a santidade é o ponto para o qual todos estão obrigados a tender. Paradoxalmente, ao longo da história, diversas heresias se opuseram ao senso da fé, afirmando ser a santidade privilégio de alguns predestinados (jansenismo) ou algo a ser conquistado pelo esforço humano ou pelo conhecimento, e não pela graça (pelagianismo e gnosticismo, respectivamente). O Concílio Vaticano II, por sua vez, por meio da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (39) afirmou solenemente e de modo magisterial que “todos na Igreja, quer pertençam à Hierarquia quer por ela sejam pastoreados, são chamados à

---

<sup>1</sup> Engenheiro Agrônomo (USP) e Bacharel em Filosofia (PUC-Campinas). Bacharelado em Teologia (PUC-Campinas) e Pós-graduando em Espiritualidade Cristã e Orientação Espiritual (FAJE). Seminarista da Diocese de Piracicaba. E-mail para correspondência: [alisson.domingos@alumni.usp.br](mailto:alisson.domingos@alumni.usp.br)

santidade, segundo a palavra do Apóstolo: ‘esta é a vontade de Deus, a vossa santificação’ (1 Tess. 4,3; cfr. Ef. 1,4)”.

Entretanto, ainda que a santidade seja uma vocação universal, muitos são os que fracassam no caminho rumo a ela. Segundo o Frei Antonio Royo Marín, OP (2018), um dos maiores expoentes da teologia ascética e mística do século passado, a razão destes fracassos está justamente em não ter empregado suficientemente os meios necessários e adequados para consegui-la. Dentre estes meios, o teólogo dominicano destaca a direção espiritual: “Outras razões que explicam com maior clareza o rotundo fracasso de tantos aspirantes à perfeição ou santidade cristã, diz respeito à *direção espiritual*, seja porque careceram totalmente dela ou porque a receberam de maneira equivocada ou deficiente” (ROYO MARÍN, 2018, p. 42).

Destarte, considerando que a santidade é uma vocação universal; considerando que neste percurso muitos acabam em fracassar por não empregarem os meios necessários para atingi-la, dentre os quais está a direção espiritual; justifica-se um estudo que relacione a direção espiritual e a santidade. Conseqüentemente, tem-se como objetivo neste artigo relacionar estes temas, apresentando-os de modo integrado para se percorrer um caminho de perfeição. Isto posto, para alcançar esta finalidade, primeiramente apresentar-se-á uma breve retomada do desenvolvimento da direção espiritual, buscando a explicitação de sua definição e natureza, e evidenciando a sua necessidade.

Posteriormente, analisar-se-á a interrelação entre a direção e o progresso na vida espiritual, para isso, utilizar-se-á dos escritos e do testemunho de vida de Santa Teresa de Ávila. A escolha desta autora é justificada pelo fato de em suas obras ela frequentemente abordar o assunto, evidenciando a sua própria experiência de vida, bem como por sua importância para a espiritualidade católica, área em que é Doutora – além de o interesse pessoal do autor deste artigo.

## 2. UM BREVE PANORAMA DA DIREÇÃO ESPIRITUAL

A direção espiritual<sup>2</sup> é tão antiga quanto a própria história do pensamento no ocidente. Já entre os primeiros filósofos da Grécia Antiga é possível se encontrar na relação mestre-discípulo marcas de um processo que posteriormente será incorporado à direção espiritual. Os estoicos, por exemplo, já viam na filosofia uma prática de vida que englobava toda a existência e entendiam que a causa principal dos sofrimentos eram as desordens e as paixões, sendo os exercícios espirituais um modo de transformação (SAMPAIO COSTA, 2022, p. 9)

Na tradição filosófica clássica posterior, quase todas as escolas se dedicaram ao aperfeiçoamento da alma. Sócrates, por exemplo, propôs uma terapêutica filosófica, centrando no papel preponderante do encontro dialógico, concentrando-se na interioridade. Buscava o exame de consciência e a atenção em si, manifestada na máxima *γνώθι σεαυτόν*, isto é, conhece-te a ti mesmo. Além dessa maiêutica como meio para o progresso moral do discípulo, os filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, acentuavam o decisivo papel da virtude (areté), algo que o discípulo deveria aprender e que era transmitida ao longo das gerações como hábito adquirido para o ordenamento das paixões (REALE, G.; ANTISERI, D., 1990).

Fato é que a direção espiritual não é coisa recente e nem tampouco iniciou seu percurso com o cristianismo; antes, é receptora de uma profunda tradição cultural do mundo grego. O evento da revelação, no entanto, tomou posse desta relação mestre-discípulo e a deu novos caminhos, inserindo um elemento fundamental para o entendimento da orientação espiritual tal como hoje é entendida: a fé.

A partir da revelação plena operada por Jesus Cristo, a tradição ulterior representada pelos santos padres e por toda a posteridade que estes influenciaram, tomarão para si estes elementos do mundo helênico e, de certa forma, os “batizarão”, promovendo agora não uma mera relação de mestre-discípulo, mas uma espécie de paternidade e maternidade espiritual por meio da qual o orientador irá conduzir aquele que o procura

---

<sup>2</sup> Ainda que recentemente tenham sido propostas diversas tentativas de mudança terminológica, preferindo termos como orientação, acompanhante, guia ou amigo espiritual, que alcançam relativo progresso; concordando com renomados autores do pensamento sobre a direção espiritual, tais como: BARRY; CONNOLLY, 1987, p. 24 e HOUDEK, 2000, p. 24, optou-se pelo uso do termo “direção espiritual” por este ser amplamente consolidado na longa tradição ascética.

no caminho de configuração ao modelo de Jesus Cristo, mantendo as temáticas como, por exemplo, o ordenamento das paixões e a busca da virtude.

Alicerçada nestes primeiros eventos fundantes da direção espiritual, ela se consolidou e atravessou os séculos ao longo do desenvolvimento da humanidade. Mediante cada tempo histórico no qual era desenvolvida, ela assumiu, evidentemente, novos modos de compreensão, diferentes ferramentas para seu bom desenvolvimento e distintos princípios metodológicos. O Padre Ulpiano Vázquez Moro (2006) em um artigo sobre a nova imagem do orientador espiritual desenvolve de modo magistral a mudança de época ocorrida na história recente da igreja. Refletindo sobre o assunto, ele diz que aquela imagem de um diretor espiritual entendida como uma pessoa bondosa, idosa, experimentada nos assuntos de religião e da vida prática que atuava principalmente nos seminários, por exemplo, desapareceu; o que é justificado em função de um desaparecimento do cenário no qual este orientador estava inserido.

A partir do Concílio Vaticano II a imagem do orientador será profundamente transformada, assumindo o espírito de *aggionamento* proposto pelos padres conciliares. Outrossim, abrem-se as portas para um maior apostolado dos leigos e, conseqüentemente, a oportunidade de leigos e religiosos também atuarem neste ministério – destaque principalmente às leigas e religiosas, que muito raramente puderam exercer este serviço na igreja.

Se por um lado houve o desaparecimento da direção espiritual tradicional, por outro houve um reaparecimento sob outras formas; isto é, um novo modelo de diretor espiritual que não necessariamente é um sacerdote, mas alguém dotado do carisma de ajudar a discernir a experiência espiritual de alguém, uma pessoa que ajuda o dirigido a se orientar no caminho, fomentando a percepção de um destino e de um sentido. Deve-se atentar aqui para a especificidade própria da direção, que pode ser facilmente confundida com muitos outros serviços, como o aconselhamento pastoral ou a terapia. Entretanto, a direção mesma é um processo de orientação espiritual, que pela própria palavra evoca um sentido de posicionamento no espaço frente ao itinerário para Deus (MORO, 2006, p. 35).

Por fim, deve-se atentar também que existe uma diferença quanto à natureza do confessor e do diretor espiritual: “O confessor é um médico que cura preserva a vida da graça contra os golpes do pecado; o diretor assegura o progresso espiritual da alma” (MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, 2015, p. 343).

### 3. A DIREÇÃO ESPIRITUAL E O CAMINHO DE PERFEIÇÃO

É de consenso que a santidade é um caminho, um processo, no qual vai se progredindo. O Papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (16) diz que “esta santidade, a que o Senhor te chama, irá **crescendo** com pequenos gestos” (grifo nosso). Os grandes santos místicos, doutores da igreja, tais como São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila apresentam esta união com o Senhor através de um itinerário espiritual. São João da Cruz fala sobre as passagens pelas noites escuras e Santa Teresa descreve por meio de uma analogia das moradas de um castelo. Desta forma, não é novidade nenhuma dizer que a santidade, a perfeição à qual o Esposo convida, é um caminho; ao que se pode chamar de Caminho de Perfeição.

Consonantemente, Royo Marín (2020, p. 744) define a direção espiritual como sendo “a arte de conduzir almas progressivamente desde o início da vida espiritual até os cumes da perfeição cristã”.<sup>3</sup> A direção – ainda segundo o frei dominicano – não é estritamente necessária para a santificação, prova disto é que há santos que alcançaram a santidade sem o auxílio de outrem, entretanto, as Sagradas Escrituras, a prática universal da igreja e a própria psicologia humana atestam que a lei geral é que ao lado das almas mais perfeitas tenha um diretor sábio, como foi o caso de São Jerônimo e Santa Paula, São João da Cruz e Santa Teresa, São Francisco de Sales e Santa Joana de Chantal, dentre outros.

Em seu livro da Vida, Santa Teresa de Ávila (1997, p. 89-90) afirma que sempre foi da opinião que todo cristão deve ter relações com quem tenha instrução e que isto pode, e deve, começar desde o início da vida espiritual. Para a doutora do carmelo, a necessidade de direção espiritual é algo quase que inerente ao processo de avanço nas moradas, principalmente nos períodos de obscuridade: “se Deus a levar pelo caminho do temor, como me levou, é grande o sofrimento se não houver quem a entenda (...) passei por muitas coisas e perdi muito tempo por não saber o que fazer e sofro muito pelas almas que se veem sozinhas quando chegam aqui” (TERESA DE ÁVILA, 1997, p. 95). São João da Cruz concorda dizendo que as almas não vão mais longe por “lhes faltar um guia esclarecido e hábil que as conduza até o cume” (JOÃO DA CRUZ, 2002, p. 137).

---

<sup>3</sup> Embora aqui se fale sobre conduzir as almas, é de proveito ressaltar que o protagonista da direção espiritual é o Espírito Santo, sendo o orientador apenas um meio para essa condução.

Houdek (2000) em sua obra *Guiados pelo Espírito* desenvolve amplamente a direção para cada uma das etapas do progresso espiritual. Seguindo a classificação clássica da teologia ascética e mística, ele lança as bases para um correto proceder na orientação de principiantes, proficientes, para aqueles que estão sendo ainda mais purificados por Deus e para os que foram purificados. Em cada uma dessas etapas o modo de ação do diretor deve ser diferente a fim de ajudar, e não atrapalhar, o andamento do dirigido.

Desta forma, é elementar que o diretor espiritual tenha em sua mente um ferramental de técnicas e princípios teológicos que lhe permitam realizar um discernimento da etapa espiritual em que seu orientando se encontra e, conseqüentemente, ajudá-lo no itinerário de união mística. Conforme Santa Teresa e São João da Cruz salientaram, realizar sozinho este processo pode acarretar anos de atraso na vida espiritual e ser fonte de sofrimento – e, não pouco frequente, até a desistência de uma vida espiritual por parte do orientando.

Paradoxalmente, ainda que no hodierno muito se tenha falado sobre santidade e vida espiritual, e ainda que muitos tenham um verdadeiro desejo de santidade e começam então a trilhar pelas veredas do caminho, poucos são os que buscam uma real e aberta direção espiritual. Muitas vezes as características da sociedade contemporânea acaba por permear o espírito religioso e provocar uma espécie de individualismo, fazendo com que a pessoa acredite que chegará às moradas mais elevadas sozinha, o que é desatino.

Além disso, os que buscam a “direção espiritual” frequentemente realizam não uma verdadeira orientação espiritual, mas uma espécie de terapia cristã, aconselhamento pastoral ou algo semelhante. É necessário que, de alguma forma, a experiência de Deus da pessoa adentre à conversa a fim de que haja espaço para pensar o itinerário rumo a Deus.

Por outro lado, também é necessário fazer o *mea culpa* e dizer que as dificuldades enfrentadas por Santa Teresa em achar um santo e douto diretor espiritual permanece ainda na atualidade. A formação teológica sobre a espiritualidade e a direção espiritual de nossos padres, por exemplo, é muitas vezes lastimável; infelizmente, o mesmo se pode dizer sobre uma verdadeira vida de oração e busca de união mística, talvez por conta das muitas atividades da vida presbiteral e da falta de direção espiritual para aqueles que exercem este ministério.

#### 4. CONCLUSÃO

Considerando o elucidado anteriormente, fica exposto, portanto, o chamado universal à santidade e a necessidade da orientação espiritual como parte integrante e fundamental deste caminho de perfeição. Conclui-se desta forma a necessidade da formação teológica dos diretores espirituais a fim de que possam auxiliar corretamente os seus dirigidos em conformidade com a fase de progresso interior em que ele se encontra. Conclui-se ainda que é necessário promover meios de conscientização das assembleias paroquiais para a necessidade de direção espiritual para os que se lançam no Caminho, bem como de sua real natureza, evitando desvios para outras atividades e concentrando-se no “único necessário”.

#### REFERÊNCIAS

BARRY, W.; CONNOLLY, W. **A prática da direção espiritual**. São Paulo: Loyola, 1987.

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática Lumen Gentium. In **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 101-197.

TERESA D'ÁVILA, Santa. **Obras completas**. São Paulo: Edições Carmelitanas, OCD e Loyola, 1997.

HOUDEK, F. J. **Guiados pelo Espírito**. São Paulo: Loyola, 2000.

JOÃO DA CRUZ, São. **Obras completas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MARIA-EUGÊNIO do Menino Jesus, Frei. **Quero ver a Deus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 1534 p.

MARIN, Antonio Royo. **Ser ou não ser santo... eis a questão** – compêndio da obra Teología de la perfección cristiana. Campinas: Ecclesiae, 2. ed, 2018. 292 p.

MARIN, Antonio Royo. **Teologia da Perfeição Cristã**. Anápolis: Magnificat, 2020.

MORO, Ulpiano Vázquez, SJ. A nova imagem do Orientador Espiritual e a sua Função. **Itaici – Revista de Espiritualidade Inaciana**, set. 2006, p. 23 – 40.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate**. Sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia antiga: antiguidade e idade média**. V. 1, 3.ed. São Paulo: Paulus, 1990.

SAMPAIO COSTA, A. **Apostila sobre a história do acompanhamento espiritual**. Para uso dos estudantes ECOE 5. 2022.